

UMA
VIDA NO
ESCURO.

MEMÓRIAS

ANNA
LYNDSEY

UMA VIDA NO ESCURO

UMA VIDA NO ESCURO
MEMÓRIAS

Anna Lyndsey

TRADUÇÃO DE DENISE BOTTMANN



Copyright © Anna Lyndsey 2015
Publicado originalmente no Reino Unido em 2015 por Bloomsbury

Todos os eventos relatados neste livro são reais. A autora usa um pseudônimo e mudou detalhes que pudessem identificar as pessoas citadas a fim de proteger a privacidade de familiares, amigos e conhecidos. As conversas foram reconstituídas de memória. Veja a nota da autora na página 243.

TÍTULO ORIGINAL
Girl in the Dark

PREPARAÇÃO
Rayssa Galvão

REVISÃO
Rayana Faria

PROJETO GRÁFICO
Maria Carella

DIAGRAMAÇÃO
Julio Moreira

ARTE DE CAPA
Emily Mahon

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L996v

Lyndsey, Anna
Uma vida no escuro / Anna Lyndsey; tradução Denise Bottmann. -
1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
248 p.; 21 cm.
Tradução de: Girl in the dark
ISBN 978-85-8057-882-9

1. Lyndsey, Anna — Narrativas pessoais. 2. Doenças imunológicas.
3. Alergia. I. Bottmann. II. Título.

15-28096

CDD: 616.97
CDU: 616-022

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Aos meus visitantes

*P*ARTE *U*M

Entra luz

É muito difícil deixar um quarto totalmente escuro.

Primeiro, forro as cortinas com um material corta-luz, um tecido grosso que parece plástico e que tem um tom estranho de bege. Mas a luz se infiltra sem a menor dificuldade: por cima, passa pelo espaço entre o trilho e a parede; embaixo, pelas ondulações das dobras do tecido.

Então acrescento uma persiana de enrolar, também corta-luz, por dentro da moldura da janela. Mesmo assim, a luz escapa pelas laterais e passa, tremulante, pela fenda no topo.

Decido atacar as vidraças. Recorto folhas de papel-alumínio e pressionno-as nos vidros, colando-as com fita adesiva na moldura da janela. Mas o papel-alumínio enruga e rasga, recusando-se a se manter liso. Ainda há frestas nos cantos, além de furos e rasgos no meio. Passo ainda mais fita adesiva, grudando um pedaço de fita por cima do outro e sobrepondo mais folhas de papel-alumínio, formando camadas e mais camadas. Em vez de folhas lisas emendadas com pedaços únicos de fita, a coisa está virando uma instalação de arte fora de controle. Mas não posso parar. A luz está *rindo* de mim, está me provocando, escondendo-se e me fazendo pensar que consegui completar uma área para, assim que avanço

para o próximo pedaço, se esgueirar por algum buraquinho que passou despercebido. O dia lá fora é um oceano pulsante pressionando meus muros de contenção, e preciso vedar um dique que vazava constantemente, enfrentando o seu poderio.

Por fim, considero que terminei. Abaixo a persiana sobre a colcha de retalhos doida que fiz com papel-alumínio, fecho as cortinas e ponho uma toalha enrolada na fresta inferior da porta. Sento-me na cama cuidadosamente e espero meus olhos se adaptarem.

E consigo. Finalmente consigo. Está escuro.

Deito-me em minha caixa escura, o novo receptáculo de minha vida. Sou tomada de cansaço e alívio.

Casa

A casa onde fica o quarto escuro não é grande. É toda de tijolos vermelhos e coberta por telhas, uma construção típica dos anos 1980. No andar térreo há um vestíbulo, um lavabo, uma sala e uma cozinha; no andar superior, três quartos pequenos e um banheiro. A garagem é geminada com a da casa vizinha, que é a imagem espelhada da casa onde estou.

Do jardim da frente, olhando para cima, meu quarto escuro é o do lado direito. A casa é a única entre suas companheiras que tem um olho fechado. Dentro daquele globo ocular escuro vive uma garota pálida.

Quando saio do quarto escuro, vejo três portas fechadas no patamar da escada — elas ficam sempre assim. A escada desce em curva e desemboca na penumbra, pois uma cortina cobre a porta de vidro da entrada. Aprendi a não me precipitar escada abaixo.

Desço com cuidado, segurando o corrimão e apoiando o pé com firmeza a cada degrau.

Entro na sala. Dos dois lados, as cortinas estão fechadas. São cortinas normais e, por isso, o ambiente não fica completamente escuro. Em tão pouca luz, as poltronas e o sofá formam enormes sombras arredondadas que parecem elefantes deitados. As molduras metálicas dos quadros refletem brilhos estranhos, e as figuras retratadas não são visíveis. Em volta da mesa de jantar, as costas e os braços das cadeiras desenhavam uma composição de linhas verticais e horizontais. Num canto, um abajur de pé sustenta uma cabeçorra sinistra.

Vou até a cozinha e no mesmo instante começo a me mover mais depressa. Apesar das venezianas fechadas filtrando a luz que entra pelas janelas, o cômodo é muito mais claro do que o restante da casa. Agarro a chaleira, enfio-a debaixo da torneira para enchê-la e em seguida encaixo-a na base elétrica e aperto o botão. Viro-me depressa para um armário e tiro uma caneca e um prato. Dou um passo para o lado e, em outro armário, pego um saquinho de chá. Com o prato, uma faca e um pacote de biscoitos de aveia, volto para a penumbra. Arrumo tudo na mesa de jantar e fico esperando até ouvir as borbulhas na chaleira. Quando ouço o clique da chaleira desarmando, disparo outra vez até a cozinha e, com a ligeireza e a economia de gestos de uma bailarina, sirvo a água do chá, tiro o queijo da geladeira e saio do cômodo levando os dois.

Então, à mesa coberta de sombras, como com rapidez e concentração.

Porque sei que não tenho muito tempo. No instante em que saio do quarto escurecido, um relógio começa a contar: minha pele inicia seu desagradável diálogo com a luz. No começo, a conversa se dá em sussurros muito suaves, que viram murmúrios

mais insistentes. Tenho vontade de gritar: “Ignore! Não precisa reagir, não se envolva!” Mas logo minha pele levanta a voz em resposta e a briga começa. A situação vai ficando mais acalorada, e a prudência manda separar os protagonistas. Não há bolhas nem manchas — não exibo sinais visíveis do conflito. Mas dolorosamente, e com ferocidade sempre crescente, um fogo invisível queima por toda a superfície de meu corpo.

Levo a pele de volta para a toca. No escuro, ela recupera o equilíbrio.

Ficha médica

(...) A paciente passou a apresentar sintomas não apenas nas áreas expostas, mas também por baixo das roupas (...) resultando em severas reações dolorosas que ocorrem em todas as áreas do corpo (...)

DIAGNÓSTICO:

O diagnóstico atual é de dermatite seborreica fotossensível. A condição sem dúvida pode causar esse tipo de reação muito severa, sendo uma síndrome bem documentada, embora rara, que com frequência mostra-se extremamente incapacitante, como no caso presente, devido à necessidade de evitar até mesmo os níveis mais baixos de exposição a fontes significativas de luz (...)

CAPACIDADE FUNCIONAL ATUAL:

A sensibilidade da paciente à luz é muito severa, e ela é tão sensível à luminosidade (como é o caso de um pequeno grupo de pacientes com a mesma condição) que se encontra gravemente incapacitada, dado que precisa evitar em níveis extremos todas as

fontes de luz, as quais evidentemente são ubíquas a qualquer ambiente normal... De fato, no ano de 2006 a situação piorou tanto que, há um longo período de muitos meses, a paciente está confinada a um quarto escurecido na casa onde mora e não consegue tolerar qualquer outro ambiente devido ao problema de pele (...)

PROGNÓSTICO PROVÁVEL:

De acordo com a experiência com nossos outros pacientes e a literatura acerca de pessoas com esse tipo de reação imediata a fontes luminosas, o prognóstico é muito variável, mas sem dúvida existe um subconjunto significativo de pacientes cujos problemas persistem a longo prazo, às vezes com grande severidade (...)

Livros que falam

Meus ouvidos viram meu canal de ligação com o mundo. Na escuridão, ouço histórias de suspense, narrativas policiais, romances, dramas familiares, ficção barata, romances históricos, contos de fantasmas, literatura clássica, novelas eróticas e livros de história. Ouço livros bons e livros ruins, maravilhosos e péssimos. Não discrimino. Sem parar, hora após hora, consumo todos na escuridão.

Os livros que ouço são aleatórios; dependem exclusivamente do que está disponível na biblioteca quando a pessoa que os traz para mim passa por lá. Anoto os títulos em uma lista em ordem alfabética, para não receber os que já ouvi. Tirando isso, meu ritmo de consumo é tão rápido, e a minha necessidade, tão intensa, que não posso ser muito exigente. Há apenas duas proibições na lista, formando um contraste curioso: “Nada de James Patterson

ou de Miss Read.” Posso passar sem as minuciosas descrições de assassinatos em série do primeiro, e as narrativas da segunda, que relatam a vida de uma professorinha do interior, são de uma presunção e de uma malevolência que me deixam irritada e letárgica.

No mais, deixo que os autores me levem por onde quiserem.

Na minha vida anterior, eu lia rápido, dando uma olhada na página para ter uma impressão geral, procurando as passagens marcantes com o olhar cético, em busca de um resumo. Às vezes, (confesso) *eu pulava descrições inteiras*. Agora sou uma ouvinte cativa e preciso ingerir cada palavrinha. Deito-me e deixo que o enredo vá se construindo lentamente à minha volta, peça por peça. Colaboro de boa vontade, deixando-me seduzir devagar, afinal, não quero mais dos autores que uma longa e duradoura distração. Passei a odiar as interrupções na narrativa, a temer a voz que anuncia “Aqui termina este lado. A história continua na próxima fita”. Pego a fita seguinte, rasgo o apertado envoltório plástico com as unhas, enfio-a no aparelho e aperto a tecla. Sou como uma paciente à base de morfina cuja dose foi interrompida, desesperada para reiniciar o abastecimento que amortece a dor. Supram-se as lacunas, façam-se as trocas depressa: nesses breves silêncios, sei que o desespero pode voltar depressa e com um peso esmagador.

Nessa promiscuidade literária inédita e desenfreada, faço algumas descobertas agradáveis. Não tendo o menor interesse por corridas de cavalos, antes de tudo isso eu jamais pegaria um dos suspenses equestres de Dick Francis para ler. Mas, como companheiras na escuridão, suas histórias prendem a atenção de maneira muito satisfatória. Numa delas, o protagonista, um jóquei que virou contador, é sequestrado e mantido no escuro por dias a fio, na parte de trás de uma van, tendo por companhia apenas algu-

mas garrafas de água e um pacote de queijo processado. Como minha situação é um pouco melhor do que a dele, achei a história vagamente encorajadora. Os livros celebram a obstinação do homem comum: o herói continuará a lutar contra um problema, e, ainda que leve uma pancada na cabeça, seja amarrado e sofra consequências desagradáveis, nunca chegará a ser liquidado.

No escuro, embora eu ouça fitas e CDs, prefiro as fitas. É menor a chance de apertar o botão errado e ficar perdida entre as faixas, saltando alguns capítulos sem querer ou iniciando o livro em um modo diferente, em que as faixas tocam em ordem aleatória ou uma delas se repete infinitamente. Para desfazer o erro, é preciso descer com o aparelho portátil e espiar o mostrador minúsculo enquanto testo as teclas na penumbra.

Fico íntima das vozes que falam comigo do canto do meu quarto escuro. Tem o machão, cuja fala carrega um pouco dos maneirismos da classe trabalhadora, que lê um monte de livros de ação. Tem o sujeito de voz profunda, envolvente como chocolate, cujos personagens masculinos são enérgicos e viris, mas cujas mulheres, apresentadas em falsete, soam levemente imbecis. Há o lúgubre e elegíaco Michael Jayston, especializado na melancolia fatigada de P. D. James e John le Carré; e ainda Miriam Margolyes, capaz de criar tantos personagens, com vozes tão distintas, que é difícil acreditar que seja uma pessoa só narrando, e não uma trupe inteira.

Quando termino um livro, percebo que não consigo começar outro logo em seguida. Cada história precisa de tempo para se assentar em minha mente, para ser digerida como um jantar de muitos pratos. Avançar rápido demais seria até um desrespeito com os personagens — afinal, passei horas na companhia deles, conheci suas histórias, acompanhei momentos importantes de

suas vidas. Algumas perguntas persistentes ainda ecoam dentro da minha cabeça. Ninguém percebeu a troca dos corpos? Por que se come tanta pizza na ficção policial americana?

Durante esses intervalos, sintonizo na Radio 4. Sempre se pode contar com ela para proporcionar um banho incessante de dedicação a trivialidades, um suave bálsamo para a alma.

Andando

Quando vou para o escuro, volta e meia fico perdida. Mesmo que o quarto seja pequeno e mobiliado com objetos simples — uma cama, uma estante de livros, um guarda-roupa, uma escrivaninha —, a escuridão pode causar uma desorientação total, uma sensação pavorosa. Nos primeiros dias, me pego tateando superfícies que não consigo identificar, buscando freneticamente alguma pista do que são. Muitas vezes, minha mente tem absoluta certeza de que estou sentada no chão virada para um lado do quarto, mas minhas mãos me dizem outra coisa. Solto um grito. A dissonância cognitiva é avassaladora, como uma laceração física no cérebro.

Mas depois é raro isso acontecer. Eu me acostumo. Ando com segurança pela caixa escura, não hesito em apoiar a mão na superfície firme e acolchoada da cama, seguro a cadeira que fica no canto do ambiente pelas estacas curvas de suas costas, estendo o braço para o metal frio da maçaneta da porta, que range de um jeito que mais parece um miado.

Às vezes, perco uma meia ou a escova de cabelos, mas não entro mais em pânico: tateio cada lugar provável calmamente, passando devagar de um para o outro, e em geral encontro o objeto.

Aos poucos, começo a fazer algo que não é de minha natureza: crio rotinas. As meias ficam sempre *aqui*, os óculos, *ali*. Um dia, reorganizo a gaveta de roupas íntimas, deixando as calcinhas à esquerda e os sutiãs à direita. Isso acaba com a frenética busca matinal, e pergunto-me por que não o fiz antes. Mas sei a resposta. É muito simples: esperança. A esperança me deteve. Cada pequena adaptação ao ambiente físico é uma admissão de que as coisas não estão melhorando, de que não é um horror passageiro, de que talvez...

Mas este é o pensamento inconcebível.

Agora, há apenas uma situação em que posso ficar desorientada. Às vezes, em uma de minhas tentativas de continuar me exercitando, de manter o sangue circulando, marcho no mesmo lugar. Depois de alguns minutos, muitas vezes descubro que me virei noventa graus e que a cama, em vez de estar ao lado, está à minha frente.

Num livro de suspense, a desventura de um personagem me traz a explicação. Um homem perdido no Saara conclui que a melhor maneira de sair dali é andar em linha reta, sempre em frente. Depois de muitos quilômetros, ele percebe que está no mesmo lugar de onde saiu. As pernas humanas não têm exatamente o mesmo comprimento, e podemos pensar que estamos andando reto em frente, mas aos poucos, sem perceber, fazemos uma curva, traçamos um círculo, e terminamos no mesmo ponto em que começamos.

Pete

Na casa das cortinas fechadas e do quarto vedado mora outra pessoa.

É Pete, o homem que amo. É na casa dele que moro, foram os cômodos dele que escureci, deixando apenas uma fração da luminosidade, foi seu quarto vago que requisitei para transformar em minha toca.

O meu amor me salvou. Esse amor me envolve com braços fortes quando choro de desespero, me proporciona uma ideia de rotina semanal, empresta alguma estrutura aos meus dias sem forma. Traz um riso diário, uma razão para continuar resistindo...

... e me destrói com a culpa. Pois estou criando duas vidas na sombra, mas apenas uma precisa estar ali. Estou sugando a luz da vida de Pete, transformando-o numa criatura da penumbra, do limiar. Um sujeito solteiro, mas que não é solteiro. Alguém que, em eventos sociais, senta-se sozinho entre os casais, tendo ao lado uma estranha presença ausente.

Debato internamente durante os longos períodos que passo sozinha. Embrenho-me em investigações éticas extensas e conduzo análises filosóficas detalhadas. Tento descobrir que comportamento seria moralmente correto nessas condições. Devo deixar Pete?

Seria difícil, em termos práticos. Exigiria tempo, pesquisa e uma cuidadosa organização, mas seria possível. Eu precisaria encontrar outro lugar para morar, com outro quarto escurecido. Um lugar onde eu vivesse sozinha, com pessoas próximas que eu pagaria para fazerem minhas compras, ou um lugar com alguém preparado para cuidar de mim, para fechar as portas antes de acender as luzes e puxar as cortinas antes de eu entrar num cômodo. Alguém em quem pudesse confiar, pois eu estaria à sua mercê.

Martelo minha mente em busca de uma resposta. Estarei agindo mal em ficar, em me abster da responsabilidade e do esforço de

ir embora, em continuar a absorver esse homem encantador sem nunca lhe dar filhos, companhia em público ou um lar acolhedor?

É sobre essa questão que me debato, hora após hora. Até que ouço a chave na porta e os passos na escada. Ouço o chamado “E aí, gata!”, o som dos pés no quarto ao lado enquanto ele tira os sapatos e a gravata e calça os chinelos. Então ele bate à minha porta, falo para ele entrar e corro para abraçá-lo.

E todas as minhas reflexões éticas viram pó diante de sua mera presença. Porque juntos, mesmo na escuridão, iluminamos o quarto. Porque a culpa represada em mim se rompe e se dissolve diante de uma explosão ridícula de felicidade. Porque o amo e sei que não posso deixá-lo, sou incapaz disso, a menos que ele me peça para ir embora.

E ele não pediu.

E este é o milagre com o qual vivo todos os dias.

Vida doméstica

— O que tem para o jantar? — pergunta Pete, vindo me encontrar numa sexta à noite, depois de chegar do trabalho.

Não preparei a comida, mas já pensei em tudo e adiantei algumas etapas.

— Tem um resto de salada numa tigela na geladeira — respondo —, e descongelei um pouco de salmão defumado. Se você puder cozinhar umas batatas...

— Parece fácil — declara Pete, e desce a escada.

Ele não é bom na cozinha. Tento sempre dar instruções simples e que ao mesmo tempo garantam uma alimentação razoavelmente variada e saudável para nós dois.

— OK! — grita ele, lá de baixo, quando a comida fica pronta.

Pete apagou as luzes principais da sala e acendeu um pequeno abajur que tem uma lâmpada de 25 watts e fica atrás da estante da TV. O móvel está em um dos lados da sala, e a mesa de jantar fica do outro, de forma que a luz é suficiente apenas para nos enxergarmos e vermos o que estamos comendo.

— E então, como foram as coisas hoje? — pergunta ele.

(Às vezes, até as breves escapadas do escuro reacendem a queimação, e o ardor pode levar dias para diminuir. Às vezes, preciso comer no quarto, numa bandeja.)

— Ah, tudo normal — respondo. — Estou ouvindo um livro meio doido sobre uma turma de amigos que querem ser banqueiros internacionais, só que um deles é psicopata. Está na cara quem é, mas os personagens levam um tempão para descobrir. Aí me cansei da história e parei de ouvir um pouco, e escutei um programa incrível no rádio. Um cara estava na Índia tentando gravar o rugido do tigre de Bengala e, quando conseguiu, o som era incrível, bem profundo e ressoante, tipo...

Tento rugir como um tigre de Bengala.

— Certo, amor, obrigado, já me sinto lá.

— Bem, você sabe, é mais ou menos assim... não tenho fôlego para imitar. Ele também falou que os tigres são muito territorialistas e gostam de patrulhar, então muitas vezes são vistos margeando as estradas do parque nacional.

— Realmente, já vi umas fotos de tigres andando perto das estradas lá no clube de fotografia. Tem um cara que vai para a Índia mês que vem para fotografá-los. Vai ficar num esconderijo durante horas, cinco noites seguidas, mas, como ele já vive atrás de moitas esperando pássaros, deve estar acostumado.

O mundo animal não é o assunto favorito de Pete. Prefere fotografar paisagens, principalmente árvores.

— Como foi o trabalho? — pergunto.

— Fiz alguns cálculos de manhã — responde ele —, mas aí o servidor caiu e não deu mais. Depois o Carranca veio me ver. Estava ainda mais calado do que o normal. E tive uma reunião com o Chefe Ebugalhado.

— Nossa. E ele olhou feio para você?

— Não dessa vez. Mas deu uma das olhadas clássicas para o Executivo. Falou bem assim: “Estou de olho em VOCÊ”, e esbugalhou os olhos por cima dos óculos.

— Que medo.

— Pois é. Quer sobremesa?

— Uma fruta, por favor. Acho que tem umas uvas na geladeira.

Quando terminamos o jantar, vou para minha toca e ele lava os pratos.

Às oito, sintonizo no *Any Questions*, e Pete se junta a mim no escuro. Depois de uma semana puxada no escritório, ele gosta de relaxar ouvindo os políticos se massacrarem na Radio 4. *Any Questions* não é meu programa favorito, mas ouvi-lo é algo que podemos fazer juntos. Deito ao lado de Pete na cama estreita, volta e meia reclamando:

— Eles desviaram completamente do assunto!

— Só falam chavões.

— Esse idiota ainda está falando? Vou enfiar a cabeça debaixo do travesseiro, me cutuca quando ele terminar.

— Tente não ficar muito irritada, querida — diz Pete, me abraçando. — Ainda estamos na primeira pergunta.

Assim se passa nossa noite de sexta-feira.

É extremamente difícil deixar um quarto escuro.

Primeiro, forro as cortinas com um material corta-luz... Mas a luz se infiltra sem a menor dificuldade... Então acrescento uma persiana de enrolar, também corta-luz, por dentro da moldura da janela. Mesmo assim, a luz desliza pelas laterais... Recorto folhas de papel-alumínio e coloco nos vidros, coladas com fita adesiva... Passo ainda mais fita, grudo um pedaço por cima do outro e sobreponho mais papel-alumínio, formando camadas e mais camadas (...) a coisa está virando uma instalação de arte fora de controle. Mas não posso parar.

•

“Usando com cuidado a gama de metáforas que emergem da escuridão e oferecendo pequenos detalhes narrativos, Lyndsey tem uma poderosa noção de si mesma, que contrasta com o eclipse de tudo que ela costumava apreciar no mundo iluminado.”

PUBLISHERS WEEKLY

•

“Um livro incrivelmente poderoso.”

THE GUARDIAN

